

A REPRESENTAÇÃO DO CORPO E O REFREAMENTO DO MESMO NO ROMANCE *MENINO DE ENGENHO*, DE JOSÉ LINS DO REGO

Carlos André Araújo Menezes

Universidade Federal de Sergipe - aramen2005@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo verificar no romance *Menino de Engenho*, do escritor modernista José Lins do Rego as marcas sociais presentes nessa narrativa acerca do conceito de corpo e de escola. A partir da análise de algumas memórias de sua personagem principal pretende-se estabelecer um diálogo entre esse livro e estudos existentes no Brasil sobre gênero, sexualidade e educação. Entre as principais autoras e autor utilizados podemos destacar Guacira Lopes Louro, Mary del Priore e Joaquim Conceição – autoras que se dedicaram a compreender as identidades sexuais e autor que estudou a história de alguns colégios internatos no Brasil, e a forma como esses espaços se dedicaram à normatização e generificação de corpos escolares.

Palavras-chave: Corpo; Literatura; Memórias; Colégios Internatos; Subjetividades.

Introdução

A literatura é uma forma de linguagem, que se apresenta a partir de estranhamentos e de um uso especial do discurso, que se faz por imitação, a *mimese* seria o nome desse processo, que em diferentes momentos passou por diferentes interpretações. O que há de consenso é que “A realidade imediata não se diz em plenitude!”(FILHO, 2000, p. 29), no entanto o processo mimético não pode perder de vista o que é essencial aos fatos.

Nesse exercício histórico de imitação dos fatos, a própria história da literatura se intercala em momentos de maior e menor subjetividade diante daquilo que ela representa. No início do século XX, os escritores brasileiros se organizaram em um movimento de maior comprometimento com o social e com os maiores problemas daquele momento histórico do país, as preocupações da literatura engajada tinham seus olhos voltados essencialmente para o nordeste brasileiro, a seca, a fome e as desigualdades sociais. Neste estudo nos ocuparemos de:

- Estabelecer um diálogo entre o romance *Menino de Engenho* e parte da história da educação brasileira, entre o final do século XIX e início do século XX.

- Verificar qual ou quais conceitos de corpo e de educação eram comuns no período em que esta obra foi escrita, uma vez que ela se baseia nas memórias vividas por seu autor.
- Conhecer a história dos colégios internatos da época e como estes organizavam seu modelo de ensino e de regulação de comportamentos para a formação *do homem ideal*.

A metodologia utilizada para que alcancemos os nossos objetivos, será a de revisão bibliográfica sobre o tema em questão, a princípio situaremos o leitor a respeito da proposta da Literatura Modernista, uma literatura que buscava construir suas escolhas estéticas a partir de temas sociais e engajamentos sobre os principais problemas do Brasil no final do século XIX e início do século XX, como também usaremos autores e autoras ligado(a)s ao estudo de educação, corpo e sexualidade, toda essa trajetória culminará com uma pesquisa histórica sobre os colégios internatos no Brasil e de como estes eram pensados para refrear desejos e corpos, de uma elite, normalmente ligada ao sistema oligárquico, imperativo do Brasil naquela época. Passaremos então às nossas discussões:

Alguns estudiosos chegaram a afirmar que a morte dos escritores Graciliano Ramos e José Lins do Rego marca o fim do romance modernista ligado à paisagem do nordeste. A essa altura do texto, começaremos a definir à qual paisagem nordestina estivera ligada a escrita de José Lins do Rego. Seus livros, principalmente os iniciais, são fortemente influenciados pelas ideias e sugestões sociológicas de Gilberto Freyre e pelas marcas de sua própria subjetividade. Era escritor nordestino e cresceu nas paisagens dessa região, seus primeiros anos foram vividos com seu avô, era filho e neto de senhores de engenho, desde muito cedo teve que viver em uma fazenda de engenho por conta do assassinato da sua mãe, cometido pelo pai.

As memórias dos seus primeiros anos serão decisivas para marcar suas escolhas narrativas e grande projeto memorialista presentes naquilo em que escreveu, à época houve contradições na recepção dos seus escritores, estes “cediam a impulsos espontâneos e irresistíveis e ao mesmo tempo uma atitude crítica e regionalista”, como afirma a introdução à *Menino de engenho*, na edição de 1969 escrita por José Aderaldo Castello.

Esta obra junta com outras quatro é denominada por seu autor de “ciclo da cana-de-açúcar”, referência ao papel que nele ocupa a decadência da indústria açucareira nordestina, o primeiro dos romances, o qual tomamos nesse estudo de (des)aproximação com alguns autores / textos da disciplina Educação Brasileira. Aqui não se pretende estudar à exaustão, ou com maior atenção os

conceitos apresentados, é um texto escrito na brevidade de algumas poucas páginas e uma certa “miopia” que nasce da relação de se olhar para dois objetos textuais distintos, um romance ficcional regionalista e algumas concepções de educação e alguns autores de uma outra ciência, porém ambos têm a proximidade de um tempo e de um mesmo país, se aproximam por aquilo que têm de aparente distanciamentos – retratos de uma educação brasileira marcados por diferentes experiências subjetivas.

O “escritor Telúrico” em menino de engenho escreveu um texto de aparente leveza e narrativa breve, mas se observado pela riqueza de detalhes de suas personagens tem muito a nos dizer. Na obra analisada aparecem menções diretas à educação, com diferentes olhares sobre a mesma – presentes na ‘garganta de papel’ do narrador e das suas personagens. O menino personagem do engenho o tempo todo é direcionado à ideia da escola, da escola que o corrigirá, que o tornará homem e que refreará seus instintos naturais. O romance encerra no momento em que a personagem adentra em um colégio internato típico da época, mas essa história será retomada nos futuros livros e na reincidências de algumas personagens e dos livros que compõem o ciclo literário do qual já falamos. Nas palavras do próprio escritor encontramos as razões da atual verificação.

Comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem as de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço de vida o que eu queria contar. Sucede, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento apenas de forças que se acham escondidas no seu interior. (REGO, 1969, p.)

A representação de uma infância no final do século XIX e início do século XX

A personagem principal de nosso livro é influenciada pelas primeiras memórias de seu criador. A narrativa se passa nos anos que antecedem a entrada de uma criança na escola, esse menino representa uma elite brasileira típica do século passado, a dos senhores de engenho com seus latifúndios. O ambiente em que a personagem cresceu serve para ilustrar, em partes, a formação do povo brasileiro, o menino rico que cresceu com seus negros trabalhadores, dividindo o mesmo quintal, que derrubaram as mesmas frutas, que tomaram banho nos mesmo tanques e represas, mas que pertenciam a classes sociais diferentes, classes que destinaram seus corpos e subjetividades a lugares distintos.

O menino se chamava Carlos e por conta da tragédia de ter perdido a sua mãe é levado ao engenho Santa Rosa, onde conhece tia Maria, moça de coração bom, generosa e atenciosa que procura suprir com amor a ausência de sua mãe. Conhece também a tia Sinhazinha mulher velha que implicava com tudo. Todos os empregados da casa tinham que cumprir suas ordens e respeitar suas crueldades. Longe dos olhos de tia Maria e na companhia dos primos, Carlinhos conhece um mundo cheio de aventuras, desigualdades sociais vividas pelos empregados do engenho, além da promiscuidade e desrespeito sexual. O gozo da liberdade experimentado na sua nova vida denuncia a necessidade de limites e de educação, seu avô começa a se preocupar com o menino, que vê no colégio o local e o caminho necessário a seu concerto – “o lugar o qual o tornaria um verdadeiro homem”. (REGO, 1969, p.116).

É necessário que se comente a infância da personagem como uma infância privilegiada, uma vez que essa pertencia a elite brasileira e podia ter acesso e privilégios diferentes de outros da população. O acesso à educação no início do século XX ainda era privilégio de poucos, e a idade, apesar da concepção de infância já ter nascido não dava privilégios, nem direitos igual a todos, o menino dessa história traz em si marcas de desigualdades em relação aos outros meninos do engenho que poderiam marcar significativas diferenças sociais.

Há no romance praticamente 30 menções diretas a noção de educação, quer seja no processo de aquisição de leitura, quer no papel social da escola, no entanto todos apontam para o mesmo controle, o do corpo selvagem e entregue aos prazeres infantis.

As memórias sexuais presentes na infância do menino Carlos revelam a formação de uma subjetividade de corpo, guiada por duas formas de poder constituídos na experiência daquela criança: a de homem branco e a de pertencer à elite oligárquica. As suas primeiras experiências sexuais se deram em sistemas constituídos de posse, o menino de engenho, entenda-se aqui também as próprias ambiguidades presentes na palavra engenho, iniciou suas primeiras aventuras sexuais com as negras da sua fazenda, iniciações que aconteceram de forma prematura. Relata-se no romance um caso do menino com a negra Luiza, na história esta é apresentada como mulher mais velha e pervertora do menino, como também se narra em relação à negra Zefa Cajá, a essa altura consta-se um ideário narrativo sexualizado da mulher negra promíscua que por trocas materiais, vende-se ao menino. “A negra Luiza fizera-se de comparsa das minhas depravações antecipadas. A contrário das outras, que nos respeitavam seriamente ela seria uma espécie de anjo mau da minha infância”. (REGO,p. 102) e ainda “A moleca me iniciava, naquele verdor de idade,

nas suas concupiscências de mulata incendiada de luxuria”(REGO, p. 102) e para ficar mais claro a “naturalização” do comportamento masculino “tinha uns doze anos quando conheci uma mulher, como homem...Zefa cajá era a grande mundana dos cobras do eito.”(REGO ,p. 115)

Em Priore (2014) quando descreve hábitos da sexualidade brasileira lemos:

Os convites diretos para a fornicção são feitos predominantemente às negras e pardas, fossem elas escravas ou forras. Afinal a misoginia racista da sociedade colonial classificava as mulheres não brancas como fáceis, alvos naturais de investidas sexuais, com quem se podia ir direto ao assunto sem causar melindres. (PRIORE, pag. 46)

Tais comportamentos se estenderam ao período do século XX e são confirmados nas memórias sexuais infantis do menino Carlos, e no imaginário de uma literatura, no caso a modernista, que buscou representar costumes, assim como também continuou a validar crenças ilegítimas sobre determinados corpos e gêneros, porém as práticas instintivas corporais nunca foram bem vistas, apesar de sempre terem existido, o corpo livre não poderia gozar dessa condição por muito tempo, em *Historias Íntimas*, Mary del Priore relata-nos “ Os resultados para a “família humana” dependiam da “conduta higiênica” de pais e mães. E tal conduta amarrava-se as prescrições do século anterior”. (p.119) e ainda “Na cidade grande, longe das galinhas, vacas e bananeiras, a iniciação dos meninos se fazia de outra maneira. ”, nessa ultima referencia a historiadora evidencia algumas das práticas zoofílicas mencionadas ao longo das memorias do engenhoso menino do José Lins.

O livro analisado nos apresenta um menino cujo corpo necessitava de controle social, uma vez que seus desejos assustavam. João Ribeiro, filólogo e crítico carioca, escreveu no jornal carioca *Jornal do Brasil*, em 08 de setembro de 1932 “Eis um romance que não podemos aconselhar a todos os leitores. É um livro de naturalismo feroz, que talvez repugne as almas tímidas e às leitores da *Bibliothèque Rose*” (in. REGO, 1969), aqui regula-se mais corpos, aos leitores é feita a advertência, note-se que não há advertência aos leitores homens, na verdade há um modelo de leitura, já programado para as mulheres, e as memórias do menino/autor seriam um risco à moral pretendida na época. Um pouco antes a narrativa afirmava dona Ana Ribeiro de Gois Betencourt, colaboradora do *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, aconselhava em relação ao controle feminino: “convinha aos pais evitar as más influências: o mau teatro; os maus romances; as más leituras”. (in Priore 54- Historia e conversas de mulher 2013).

Nessa história breve vemos também o *Eros* presente na relação do menino com a erotização de uma professora, que com transparente sugestão narrativa vai descortinando um desejo pedófilo pelo menino. Ela escolhida para ensinar as primeiras letras em sua casa, que ilustra um acontecimento comum no início do século XX que eram as casas-escolas, ou as professoras particulares contratadas pelos mais abastados, como se pode verificar:

Botaram-me para aprender as primeiras letras em casa dum Dr. Figueiredo que viera da capital passar tempos na vila do Pilar, pela primeira vez eu ia ficar com gente estranho um dia inteiro. Fui ali recebido com os agrados e as condescendências que reservaram para o neto do prefeito da terra tinha o meu mestre uma mulher morena e bonita, que me beijava todas as vezes que eu chamava, que me fazia às vontades chamava-se Judite”

(...)

Gostava dela diferente do que sentia pela minha tia Maria. Ele sempre me ensinava as letras debruçava-se por cima de mim. E os seus abraços e os seus beijos eram os mais quentes que já tinha recebido.

(REGO, 1969)

Sobre as primeiras letras a narrativa ainda conta sobre um segundo professor que fora contratado para ensiná-lo junto com outros meninos na fazenda, hábito comum apontado por Villela, 2000, p.99 “Da mesma forma que no continente europeu, também aqui, aquela época, havia uma multiplicidade de formas e locais de ensinar e aprender”. No entanto, como a personagem afirma “havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água e um tamborete de palhinha para o neto do coronel Zé Paulino!” Houve ainda um segundo mestre, Zé Guedes, que além de tabuada e das letras contava tudo que era história de amor o menino a cada página vai nos revelando memórias de suas peripécias e costumes. Chegamos ao final do século XIX com antigos hábitos, sem uma educação totalmente unificada no território nacional e profissão docente ainda não fortalecida quanto a sua identidade profissional.

A cada nova aventura da personagem, vez ou outra aparece uma fala que nos dá as pistas da concepção da escola, chamada de colégio “Colégio amansa menino!” (REGO, p. 119). “Eu não sabia nada. Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que meu corpo”. (REGO, p. 122).

Para onde caminhava o corpo do menino de engenho?

Nas últimas linhas se encerra a narrativa com algumas pistas importantes sobre o colégio “... Aquele Sérgio de Raul Pompéia entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantando nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio.” As portas do colégio são fechadas para o leitor da narrativa, como também as memórias desse menino, que se autodescreve como oposto à *alma de anjo*, sugestionando dessa forma seus futuros comportamentos, suas futuras memórias, e o campo de intervenção moral que a escola da época teria que adentrar. Para compor a tessitura dessas ideias, usaremos alguns argumentos da tese *Internar para Educar – colégios internos no Brasil (1840-1950)*, nela há informações de ordem histórica, que se baseiam em pesquisas sobre colégios internatos, especialmente em Sergipe, no entanto a brevidade não texto se limita a descrever apenas alguns traços da cultura dos internatos, que se assemelham a algumas falas das personagens ao longo do livro *Menino de engenho*. O imaginário de salvação daquele corpo libertino aponta o colégio internato como o local onde isso se configuraria, crença que encontra nas afirmações de CONCEIÇÃO, 2012, algumas semelhanças que poderiam ter sido a matéria-prima do texto de José Lins do Rego, verifiquemos:

Sobre a cultura dos internatos, a pesquisa estabelece uma compreensão do cotidiano dos internatos, destacando e analisando seus usos e costumes, o exercício do poder disciplinar, evidenciando as técnicas disciplinares de controle do espaço, do tempo e das atividades diárias dos internos e a instrução, além de buscar elucidar a relação entre a cultura dispensada nos internatos e a formação de um tipo ideal de homem pela permanente inculcação de práticas civilizatórias. (CONCEIÇÃO, 2012,P.16)

Algumas passagens do livro mostram que evidenciam a escola como local de correção:

Recorriam ao colégio como a uma casa de correção. Abandonavam-se em desleixos para com os filhos, pensando corrigi-los no castigo dos internatos.

...

Colégio amansa menino !

Em mim havia muita coisa precisando de freios e de chibata. As negras diziam que eu tinha o mal dentro. A tia sinhazinha falava dos meus atrasos. Os homens riam-se das intemperanças dos meus doze anos.

...

Agora o colégio iria consertar o dismantelo desta alma descida demais para a terra. Iriam podar os galhos de uma árvore, para que os seus brotos crescessem para cima. Quando voltar do colégio, vem outro, nem parece o mesmo.(REGO, 1969, p.118-119)

O que os elementos do texto literário modernista permite-nos concluir é que havia o corpo de um menino com desejos precoces a sua idade e a responsabilidade desde mesmo menino encontrar a correção e tornar-se um homem, como assim esperavam os seus pares. Esse vir a ser um homem só seria possível com a intervenção de uma escola que controlasse instintos, silenciasse desejos, e principalmente impusesse a moral cristã. Segundo Joaquim Conceição (2015, p.111), no controle dos corpos e dos desejos esteve também forte presença de “produção discursiva médica a respeito da prática da masturbação e da homossexualidade pelos pensionistas de colégios.”. Este autor analisou algumas teses médicas, produzidas entre 1845 e 1927, documentos que defendiam campanhas de combate a práticas de onanismo e masturbação entre os internatos, porque acreditavam que tais práticas levavam os sujeitos a contrair patologias e comprometer suas produções intelectuais. É preciso ainda que se diga que os colégios internatos eram reservados aos filhos da elite, como é o caso da nossa personagem, e que preservar as condições de aprendizado e de moralidade foi tarefa dos colégios internatos e correspondiam os desejos de um grupo social. Esses lugares eram tão importantes que médicos dedicaram alguns trabalhos ao tema, conforme estudo por CONCEIÇÃO 2012 e também apontados por DEL PRIORE 2016, quando dedicou-se a relatar a respeito da educação sexual “Até então, sexo era um segredo. A sexualidade individual era vivida em silêncio e com culpa. Por isso crescia entre os médicos- a conscientização sobre a necessidade de educação entre os jovens ” (p. 126), no entanto suas observações servem para ilustrar a continuidade da preocupação do discurso médico com o controle de corpos.

Considerações finais

A breve caminhada desse texto foi uma tentativa de aproximar uma obra literária modernista, fruto de um projeto de construção identitária de um país, representado na obra *Menino de Engenho* por um conjunto de personagens e situações ligadas à paisagem do velho nordeste e às memórias de um escritor-personagem, que através da sua ‘garganta de papel’, representa o corpo e os desejos de uma criança na sua infância e de como esse corpo caminhou para uma escola que buscou no final do século XIX e início do século XX, regular os desejos desse corpo, assim como

de tantos outros que dividiam o mesmo espaço escolar. Nessa trajetória de tecer esse tecido entre a ficção e a realidade, uma realidade, pudemos comparar com outros textos e estudos que nos deram pistas de como foi construído esse imaginário, ou busca de verossimilhança. Mas quais ideias conseguimos aproximar? A de que no imaginário literário de um país podemos encontrar retratos esmaecidos de certas subjetividades e modo de vida, como também começamos a confirmar a ideia de que a história da educação brasileira está cheia de evidências sobre um país que criou situações especiais de ensino para alguns grupos em detrimento de direitos de outros. Vimos ainda que os corpos são representados e sujeitados a crenças com interesses tendenciosos ao controle e à moralidade. Certamente a brevidade do texto não deu conta de tantas histórias que poderiam estar escondidas nas linhas da narrativa estudada e em tantos outros estudos.

Referencias

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar: Colégios-internatos no Brasil (1840-1950)**. 2012. 322f. Tese Doutorado em História – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2012.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Vícios execráveis: campanha médica de combate á masturbação e á homossexualidade entre os pensionistas de colégios-internatos (1845-1927) . In: **Revista Brasileira da Educação**. Maringá-PR, v. 15, n.2 38, (p.111-132, maio-ago. 2015

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher: 1 ed.** São Paulo: Planeta, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo no Brasil. 2 ed.** São Paulo: Planeta, 2016.

FILHO, Domício Proença. **A Linguagem Literária. 7 ed.** São Paulo: Ática, 2000.

FOUCAULT. Michel. **História da Sexualidade. A vontade de Saber. 4 ed.** Rio de Janeiro: Planeta, 2017.

KATZ, J. **A invenção da heterossexualidade.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação – uma perspectiva pós-estruturalista. 16. Ed.** Petrópolis: Vozes, 2014.

_____ **Conhecer, pesquisar e escrever...Educação, sociedade e culturas.** n. 25, 235 – 245. 2007.

_____ **Um Corpo Estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: autentica, 2016.

MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela de F. Rogrigues. **Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares/ Corpo, gênero e sexualidade.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho.** 13 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969

SANT'ANNA. Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros.** 7 ed. São Paulo. 1990.

VILLELA, Heloísa de O. S. O mestre-escola e a professora. In LOPES, Eliane Maria Teixeira; FARIA, Filho, Luciano Mendes e VEIGA. Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil.** Belo Horizonte. Autentica, 2000. P. 95-134.